

LUX JORNAL

Jornal do Tocantins – Palmas - TO
Publicado: 06/02/2001

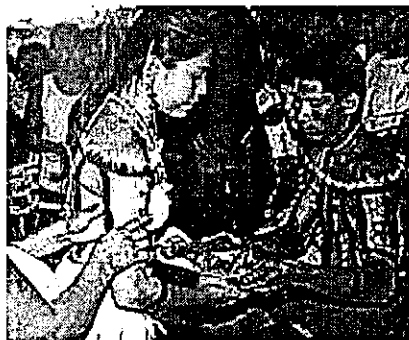
190

164

1

Xerentes perpetuam Cultura em casamento indígena

Zuleide D'Angelo
Tocantínia



Em um dos Povos que vivem no Estado, próximo a Tocantínia, dois jovens da mesma etnia celaram união em ritual, seguindo uma tradição que se mantém, mesmo com o processo de aculturação pelo qual eles vêm passando

Brupahi e Srãpte Xerente, pertencentes ao mesmo clã, casaram-se no último domingo. Uma celebração de grande significado para aquele Povo. Além de ser o primeiro casamento do milênio daquela comunidade, a cerimônia representa a continuidade da Cultura Xerente, que apesar do fato de estar próxima à Tocantínia e adquirido hábitos dos "não índios", preserva elementos fundamentais da sua existência.

O casamento aconteceu na comunidade Xerente da Aldeia Salto, cerca de 12 quilômetros do município de Tocantínia. O ritual, uma das cerimônias raras, confirmou que está sendo preservada uma das mais belas expressões da cultura dos Povos Indígenas, a união dos clãs das aldeias, através do casamento entre os seus membros. Os clãs representam subdivisões e interagem politicamente, mas os seus integrantes podem ter laços familiares próximos ou distantes.

Ritual

O casamento é repleto de signos próprios da cultura que são repassados para as novas gerações. Seguindo a tradição xerente, quando é marcado o casamento, a noiva fica sob a responsabilidade do tio materno, que se responsabiliza por ela até o dia do casamento. Momentos antes, o tio pinta a noiva com tinta de jenipapo e carvão. Brupahi surgiu descalça do interior da casa do tio, com vestimenta confeccionada em palha de Buriti (árvore típica do cerrado). Um momento emocionante, tanto para os índios, como para quem presencia a cena pela primeira vez.

Em ambos tornozelos, a bela índia usa acessórios feitos da matéria-prima retirada da natureza. Eles embelezam mais ainda, a pureza da adolescente. Esses adereços representam, para a cultura Xerente, a submissão em que ela estaria, a partir daquele momento. Foi o próprio tio materno, Marcos Ipêmekwa Xerente, quem os amarrou. Ele, que um dia no batismo de Brupahi, lhe colocou uma fita vermelha na perna, junto à promessa de dedicar cuidados especiais à criança até entregá-la ao futuro marido. Ipêmekwa é também quem lhe coloca no pescoço, nas vésperas das núpcias, o colar com dente de capivara, simbolizando a virgindade.

Enquanto o noivo, Srãpte, a esperava no templo, com ar apreensivo pela multidão, Brupahi entra radiante, puxando o seu clã. Timidamente se encontram de corpos pintados em jenipapo e carvão. São as mãos hábeis dos xerente Sílvia Sipride e de Washington Prawãwekwa, que pincelaram nas jovens esculturas, as pinturas wahire e kbazi, simbolizando os dois clãs. A técnica veio também da natureza bruta. Enquanto Brupahui exhibe linhas verticais finas, Srãpte, pequenos círculos desenhados com ripa de taboca. A jovem noiva tem 14 anos e o noivo, Lenivaldo Srãpte Xerente, 21, se encontram no templo, onde se realiza a cerimônia. Ostentosa como uma deusa do mito do eterno retorno, ela segura nas mãos uma bacia com farinha e carne, simbolizando o presente que a noiva deve dar ao noivo na ocasião do casamento.

LUX JORNAL Jornal do Tocantins – Palmas - TO Publicado: 06/02/2001	190		
		164	1

Conselheiro

Os noivos têm como conselheiro, o mais velho da comunidade dos Xerente, o sábio intuitivo Constantino Gomes Skawe Xerente, 73 anos. Ele veio da Aldeia Boa Esperança para fazer o casamento. Solenemente, de cócoras, apoiado num velho cajado e com os olhos fixos em algum ponto do solo, Skawe recomenda ao futuro marido fidelidade e respeito junto à esposa. A ela, balbucia submissão e paciência. Na língua dos Xerente, o fazedor de casamento diz que aquele momento é a expressão pura da sua cultura.

A maioria dos cerca de 200 integrantes dos cinco clãs da aldeia, Wahire (do noivo), o Kbazi (da noiva) e os outros três, que são o Kuzâ, Krozaki e o Kritó, seguem atentos o ritual. Eles estão constituídos ao todo em 46 famílias.

Fica eternizado, mais uma vez, o interesse mútuo do pacto de união. A entrega do dote da virgindade ao clã da noiva fica para ser entregue em outro momento, que na interpretação indígena significa "depois de outros sóis". Com tudo isso, a exemplo de quaisquer jovens apaixonados do resto do mundo, Brupahi e Srãpte, juram amor eterno, durante a breve cerimônia que dura menos de cinco minutos. Terminada a cerimônia, Brupahi e Srãpte voltam às respectivas casas dos pais. Um dos mais velhos levaria a jovem esposa para tomar banho no rio antes de entregá-la ao marido.